

*A locomoção natural dos elementos: Tomás de Aquino, crítico de Aristóteles latino.*¹

Evaniel Brás dos Santos
UNICAMP

O século XIII do Ocidente latino é caracterizado por dois fatores interligados. Por um lado, pela efervescência universitária e, por outro, pela redescoberta do *corpus aristotelicus*. A noção de “redescoberta” manifesta, dentre outros, o acabamento de um evento presente no Ocidente desde o século XII: as traduções do Árabe e do Grego para o Latim das obras de Aristóteles, o que hoje se designa de “Aristóteles latino”.² Por se constituir como o resultado de esforços recorrentes nos séculos XII-XIII e, ademais, porque deve ser considerado conjuntamente com outros filósofos do período mencionado, Aristóteles latino pode ser tomado como um dos fundadores da *scientia naturalis* medieval. Nesse sentido, seja para a continuidade das teses presentes na *scientia naturalis* de Aristóteles latino, seja para o rompimento com ela, a *scientia naturalis* elaborada pelos filósofos do século XIII está vinculada com Aristóteles latino, razão pela qual tratar da *scientia naturalis* no século XIII também é tratar de Aristóteles latino.

1 Artigo desenvolvido como parte da pesquisa “Movimento e Matéria Celeste no Argumento pela Eternidade do Mundo”, financiado pelo CNPq (Processo 460353/2014-4) pelo Edital MCTI/CNPq/Universal 14/2014, tendo como coordenador Márcio Augusto Damin Custódio da UNICAMP. Agradeço ao coordenador do projeto pela confiança depositada. Também sou muito grato a Allan Neves e Matheus Pazos pela cuidadosa leitura das primeiras versões deste artigo.

2 Doravante empregarei neste artigo a distinção entre “Aristóteles” e “Aristóteles latino”. Aquele se refere ao texto grego. Este, por sua vez, ao texto latino. Ademais, empregarei “*Física*” para referenciar o texto grego e “*Physica*” para o texto latino. Esclareço ainda que não discutirei com os intérpretes do texto grego de Aristóteles que não lidam com os filósofos do século XIII.

Ocorre, porém, que a *scientia naturalis* do século XIII tem sido *acriticamente* descrita por certos historiadores da ciência e da filosofia medieval como meras versões da *scientia naturalis* de Aristóteles em um conglomerado comumente rotulado por “aristotelismo”.³ Sob tal ótica, a *scientia naturalis* nesse tempo não somente seria resultado do desenvolvimento de discussões iniciadas por Aristóteles, mas também teria por justificada a ausência de recusa explícita às principais teses do Estagirita, como a teoria dos contrários, o hilemorfismo, os quatro tipos de mudança, a incorruptibilidade celeste e a mais importante: a própria definição de natureza. Esta ausência é sustentada pela leitura do texto grego da *Física* II, 1, de Aristóteles (ou sua tradução para línguas modernas, como o Inglês), e em seguida a aplicação dessa leitura em determinados filósofos do século XIII, como Alberto Magno e Tomás de Aquino.

No âmbito da definição de natureza a base que assegura o aristotelismo se dá pela interpretação de dois termos presente na *Física* II, 1. Por um lado, o termo ὀρμὴν é interpretado como inclinação ou princípio e,⁴ por outro, o verbo κινεῖσθαι é lido na voz passiva, movido.⁵ O que diferenciaria os entes naturais dos artefatos seria a inclinação intrínseca para serem movidos que aqueles possuem. Alberto e Tomás, dentre outros, teriam seguido essa interpretação.⁶

Ao menos três razões conduzem o leitor hodierno a duvidar da suposta ausência de recusa explícita. A primeira diz respeito às várias edições críticas de textos de filósofos medievais publicadas nos últimos anos, algo que viabiliza uma leitura mais confiável dos autores.⁷ A segunda se refere ao recente reconhecimento do papel fundamental que o platonismo exerceu no século mencionado,⁸ sobretudo pelo fato do *Liber de causis*, falsamente atribuído a Aristóteles,

3 Cf. WEISHEIPL, 1955, cap. 2; WEISHEIPL, 1981, p. 81-104; WEISHEIPL, 1965, p. 30; MAIER, 1982, p. 3-60; LANG, 1996, p. 411-432; GRANT, 2002, p. 63-74; p. 149-196; CROMBIE, vol.1, p. 68-94.

4 Cf. WEISHEIPL, 1981, p. 84; WEISHEIPL, 1955, p. 10-15; AERTSEN, 1988, p. 280; CROMBIE, vol.1, p. 72-73; HASSING & MACIEROWSKI, 1992, p. 131, nota 13.

5 Cf. WEISHEIPL, 1955, p. 13; WEISHEIPL, 1965, p. 29; MAIER, 1982, p. 41-43; BEAVERS, 1988, p. 357-364; HASSING & MACIEROWSKI, 1992, p. 134; p. 136 (ênfase na nota 26); LANG, 1996, p. 114.

6 Cf. WEISHEIPL, 1981, p. 91.

7 Vide, por exemplo, os artigos presentes no livro: “Robert Grosseteste and His Intellectual Milieu: New Editions and Studies”, 2013; ver também: “PETER OF AUVERGNE. Questions on Aristotle’s De caelo”, 2003.

8 Cf. CAIAZZO, 2012, p. 307-345; CAIAZZO, 2007, p. 245-264; PASNAU, 2012, p. 665-666; AERTSEN, 2012, p. 76-85.

estar incluído entre os textos do Estagirita de leitura obrigatória na Faculdade de Artes de Paris desde 1255.⁹ Este é um fato, aliás, que permite ao leitor de hoje perceber que, no mundo latino, o “[...] ‘aristotelismo’ nunca existiu em estado puro [...]”.¹⁰ A terceira trata das recentes edições críticas das traduções medievais do Grego para o Latim dos textos de Aristóteles. Nesse ínterim, constatou-se a extrema complexidade que é o “Aristóteles latino”, sobretudo devido ao sistema de reprodução do livro no século XIII, o *exemplar et pecia*,¹¹ determinante para a contaminação dos manuscritos.¹²

A despeito da complexidade histórica e textual da redescoberta do *corpus aristotelicus*, é razoável que, ao menos no contexto de uma micro exegese do problema da locomoção natural dos elementos, o estudo comparativo sobre a *scientia naturalis* de Aristóteles e dos filósofos do século XIII ocorra mediante as traduções latinas. Como se sabe, com poucas exceções – por exemplo, Grosseteste – a grande maioria dos filósofos dos séculos XII-XIII possuíam um conhecimento da língua grega bastante precário, razão pela qual dependiam das traduções.¹³ Nesse sentido, as edições críticas dos textos de Aristóteles latino se configuram como um avanço significativo para o trabalho sobre a *scientia naturalis* medieval.¹⁴ Tal avanço pode ser evidenciado pela constatação da diferença entre certas leituras da *Física* II, 1, de Aristóteles e as traduções medievais, notadamente no que tange a ὀρμὴν e κινεῖσθαι. Conforme já apontado, ὀρμὴν é entendido como inclinação ou princípio, conquanto κινεῖσθαι é lido pela voz passiva. Diferentemente ocorre com as traduções medievais do grego para o latim disponíveis em edições críticas. Por um lado, o termo ὀρμὴν é traduzido como *motum* ou transliterado como *ormen* e, por outro,

9 Cf. TORRELL, 2004, p. 258.

10 DE LIBERA, 1998, p. 359.

11 Ver os excelentes artigos presentes no livro: “*La Production du Livre Universitaire au Moyen Age: Exemplar et Pecia*”, 1991.

12 Vide: MANSION, 1956, p. 90-111; MANSION, 1946, p. 104-129; MANSION, 1932, p. 65-69.

13 Cf. BOURKE, “Introduction”, p. xxiii.

14 É curioso constatar que alguns estudiosos da *scientia naturalis* do século XIII não empregam as edições latinas dos textos de Aristóteles, nem sequer em nota de rodapé. Esta é a razão pela qual, no âmbito da definição de natureza presente na *Physica* II, 1, e no *In Physica* II, 1 (de Tomás) suas leituras são equivocadas. É o caso de WEISHEIPL, 1955, cap. 2; WEISHEIPL, 1981, p. 81-104; LANG, 1996, p. 411-432; AERTSEN, 1988, p. 280-286.

o verbo κινεῖσθαι é traduzido pelo genitivo de gerúndio *movendi* o qual necessariamente denota sentido ativo.

A diferença apontada não é trivial: manifesta duas possíveis interpretações notavelmente distintas da definição de natureza na *Física* II, 1. Pela primeira, a *Física* II, 1, é lida como afirmando tão somente as condições do ente movido, razão pela qual o verbo κινεῖσθαι é entendido pela voz passiva, ser movido. Pela segunda, por seu turno, a *Física* II, 1, é lida afirmando o motor do movimento, pois o verbo κινεῖσθαι é traduzido pela voz ativa, *movendi*, “de mover”.

A articulação entre a definição de natureza e a locomoção natural dos elementos é uma das bases da *scientia naturalis* de Aristóteles latino, a qual está presente na *Physica* II, 1. De igual modo, os filósofos do século XIII estabelecem as bases de suas concepções sobre a *scientia naturalis* interpretando o texto mencionado. Dentre estes, contrariamente ao que é afirmado por certos historiadores da filosofia medieval e da ciência,¹⁵ Tomás se põe explicitamente contra as bases da *scientia naturalis* de Aristóteles latino, tornando-se um autor emblemático que pode ser considerado como um autêntico representante do ápice da *scientia naturalis* do século XIII.

A interpretação de Tomás é intrigante porque desde a Renascença¹⁶ até os dias atuais¹⁷ é compreendida como um caso de aristotelismo.¹⁸ Porém, pelo exame do *Expositio Physicorum*,

15 Ver os textos das notas 3, 4 e 5.

16 Agostinho Nifo (1473-1545) escreve: “*Expositor Thomas raro aut nunquam dissenti a doctrina peripatetica, fuit enim totus peripateticus et omni studio peripateticus, et nunquam aliud voluit nisi quod peripatetici*”. (AGOSTINHO NIFO, 1521, *disputationum* 13).

17 É o caso da escola “River Forest” (Illinois, Estados Unidos). Fundada em 1939 com o intuito de estabelecer o diálogo entre “cientistas e filósofos”, a escola possui dentre seus membros mais conhecidos Weisheipl, Wallace e Ashley. Para uma boa apresentação das teses “aristotélicas” defendida pela escola na leitura de Tomás, ver: ASHLEY, 1991. Os membros da River Forest constantemente atualizam sua página de internet, ver: <http://www.morec.com/nature/river.htm>.

18 “O contraste entre Avicena e Tomás na Idade Média é basicamente o contraste entre Platão e Aristóteles na antiguidade. Há ironia nesta comparação porque ambos, Avicena e Tomás, pensavam que estavam comentando Aristóteles. A história do pensamento medieval é repleta de comentadores de Aristóteles cuja inspiração é Avicena e seu neoplatonismo, diferentemente do *verdadeiro aristotelismo* de Averróis, Alberto Magno, e Tomás de Aquino”. (WEISHEIPL, 1982, p. 154. Grifo meu). Ver também: WEISHEIPL, 1974, p. 100-124.

o *In Physica* II, 1, n. 3, constata-se que Tomás recusa explicitamente a definição de natureza de Aristóteles latino, notadamente quando esta é vinculada com o caso das mudanças dos elementos. Nessa medida, é pertinente questionar sobre as possíveis interpretações ocorridas no século XIII de *Physica* II, 1, bem como sobre a suposta ausência de crítica explícita de Tomás à *scientia naturalis* de Aristóteles latino.¹⁹ Para tanto, o texto está dividido em três partes. Inicialmente explícito a ocorrência da afirmação do automovimento dos elementos na *Physica* II, 1, de Aristóteles latino na tradução de Tiago de Veneza. Em seguida, confronto essa afirmação com outras três traduções medievais. Por fim, na terceira parte, apresento a crítica explícita estabelecida por Tomás à tese do automovimento dos elementos presente na *Physica* II, 1.

Entre os séculos XII-XIII surgiram cinco versões latinas da *Física*, são elas: (1) Tiago de Veneza (séc. XII) – Grego-Latim (*Vetus*); (2) a anônima incompleta, livros I-II.2, (séc. XII) – Grego-Latim (Vaticana); (3) Gerardo de Cremona (séc. XII) – Árabe-Latim; (4) Miguel Escoto (séc. XIII) – Árabe-Latim; (5) Guilherme de Moerbeke (séc. XIII) – Grego-Latim.²⁰ Dentre estas traduções, duas possuem edição crítica: a *Vetus* e a Vaticana. O emprego da primeira é mais apropriado do que a segunda pelo fato único daquela ser completa, ou seja, possuir os oito livros. Ademais, a qualidade da tradução *Vetus* pode ser atestada pela constatação de que é muito possível que o próprio Moerbeke, tão famoso pela consistência nas traduções,²¹ não tenha feito pouco mais do que revisá-la.²²

Ao iniciar a *Physica* II, 1, Aristóteles latino (*Vetus*), se propõe a definir natureza (*natura*). Para tanto, ele busca identificar aquilo que é próprio do ente natural e que o diferencia do artefato:

19 A imposição histórica do aristotelismo em Tomás é tamanha que na primeira publicação impressa das obras de Tomás realizada em 1570 pela editora Piana, os primeiros volumes são “comentários” e não outros textos, como por exemplo, a *Suma contra os gentios* ou a *Suma de Teologia*, cf. CRANZ, 1976, p. 128. Tal procedimento é mantido pelos primeiros volumes da edição Leonina.

20 Para uma introdução geral sobre estas traduções, com exceção da tradução de Moerbeke, cf. BOSSIER; BRAMS, “Préface”, p. xv-lxxxiii; ver também: BOURKE, “Introduction”, p. xviii; DE LIBERA, 1998, p. 361; CLAGETT, 1959, p. 175. Sobre a tradução de Moerbeke, ver: BRAMS & VUILLEMIN-DIEM, 1989, p. 185-192; BRAMS, 1989, p. 193-220.

21 Ver os artigos presentes no livro: “*Guillaume de Moerbeke: Recueil d’études à l’occasion du 700e anniversaire de sa mort (1286)*”, 1989.

22 Cf. MINIO-PALUELLO, 1952, p. 265; ver também: BRAMS, 1989, p. 193-220; BRAMS, 2001, p. 231-256.

Dentre as coisas que são, umas são por natureza, outras são por outras causas. Por natureza são os animais e suas partes, assim como as plantas e os corpos simples, a terra e o fogo, o ar e a água, (pois para estes e semelhantes dizemos que são por natureza). Assim, todos estes se manifestam diferente do que não tem existência por natureza. Estes que são por natureza, manifestam possuir em si mesmos o princípio de movimento e repouso; uns segundo o lugar, outros segundo o aumento e a diminuição, outros segundo a alteração. Porém, a cama e a roupa, e aquilo que é desse gênero, na medida em que assim se predica, porque sendo a partir da técnica, não possuem nenhum movimento inato para a mudança (*motum mutationis innatum*), entretanto, na medida em que é de terra ou de pedra ou misturado, eles o possuem. Assim, natureza é princípio de algo e causa de movimento e repouso naquilo em que está primeiramente e por si e não por acidente.²³

A sentença que afirma a diferença entre os entes naturais e os artefatos – *motum mutationis innatum* – é complexa o suficiente para que seja lida não somente tendo a totalidade dos entes listados – animais e suas partes, plantas e elementos – como referencial, mas também cada classe por vez. No caso das plantas, o *motum* não pode denotar locomoção, pois elas não se deslocam por si, mas por outrem. Por outro lado, seria uma afirmação tautológica (*nugatio*) se o *motum* denotasse quantidade ou qualidade, pois, nesse caso, a sentença deveria denotar “mudança inata para mudança”. Sendo assim, embora seja estranho, o *motum*, se a referência são as plantas, possui o sentido vago de “princípio”.

Ocorre, porém, que as noções de *motum* e *mutationis* que compõem a sentença mencionada possuem um sentido técnico complexo quando trata dos animais e elementos. Aquela possui um sentido mais restrito, esta, por sua vez, é mais geral. Nesse contexto, *motum* se diz para o lugar, *mutationis* para a quantidade e a qualidade. Ademais, a locomoção deve preceder

23 “*Horum que sunt alia quidem sunt natura, alia vero propter alias causas; natura quidem sunt animalia que et partes ipsorum et plante et simplicia corporum, ut terra et ignis et aer et aqua (hec enim esse et huiusmodi natura dicimus), omnia autem que dicta sunt videntur differentia ad non natura existentia. Que quidem enim natura sunt omnia videntur habentia in se ipsis principium motus et status, hec quidem secundum locum, illa vero secundum augmentum et detrimentum, quedam autem secundum alterationem; lectulus autem et indumentum et si aliquid huiusmodi aliud genus est, secundum quod contigerit quidem predicamento unicuique et in quantum est ab arte, neque unum habet motum mutationis innatum, secundum autem quod acciderit ipsis lapideis aut terrenis esse aut mixtis ex his, habet, et secundum tantum, quod est natura principium alicuius et causa movendi et quiescendi in quo est primum per se et non secundum accidens*”.

ao aumento e a diminuição, bem como a alteração, as mudanças, pois pela observação se constata que os entes naturais só sofrem *mutationis* na medida em que há alguma locomoção, seja deste ente natural, seja de outro ente natural. Porém, o foco da *Physica* II, 1, é na locomoção deste ente natural, razão pela qual nela é introduzido o termo *innatum*, o que implica que este ente natural em locomoção é apto a sofrer *mutationis*, algo facilmente reconhecido nos animais, mas não nos elementos. O que significa, pois, afirmar que os elementos possuem o *motum mutationis innatum*? A expressão *motum innatum* atribuída aos elementos evoca a causa intrínseca da locomoção natural: a natureza. A causalidade da natureza segundo *Physica* II, 2, se não implica estas duas teses, ao menos uma admite: (i) a forma imanente que constitui o elemento é o motor da locomoção de sorte que depois da geração o elemento se locomove por si; (ii) no elemento existe uma necessidade da matéria, ou seja, é intrínseca à matéria uma potência ativa incompleta que ao receber a operação de outro, faz o elemento se locomover por si.

A primeira tese se justifica pela identificação entre ato e forma, ou seja, o elemento opera segundo a forma, seu ato, logo, possuir forma implica em operar. Nesse caso, a expressão *motum innatum* afirma que o elemento se locomove por si, ele é automovente. A segunda tese, por sua vez, é justificada pela negação de algum tipo de motor que seja externo tornando o elemento meramente passivo, o que implicaria que sua forma não operaria na locomoção. A locomoção, pelo contrário, é natural porque há uma colaboração do elemento. Ambas as teses, conjunta ou isoladamente, mostram que na sentença *motum mutationis innatum* está implícito que o elemento em alguma medida é automovente na locomoção.

A identificação entre forma e motor, a primeira tese, é mais explícita em Aristóteles latino do que a segunda tese. A forma do elemento enquanto o motor da locomoção natural tornou-se bastante comum no século XIV, sobretudo pela ênfase nas noções de gravidade e leveza, ou seja, os motores intrínsecos da locomoção natural dos elementos.²⁴ Ademais, a identificação é

24 Representado pelo anônimo que no século XIV escreveu: "*Motus localis naturalis est motus proveniens a forma intrinseca, sicut motus gravis a gravitate, que quidem gravitas est forma intrinseca gravis, sicut terra naturaliter movetur, sic et quodlibet leve a levitate naturaliter est mobile, que quidem levitas est forma intrinseca levis et a qua forma ipsum est naturaliter mobile et vocatur forma intrinseca mobilis motor intrinsecus mobilis. Per hoc patet, quod idem est movere naturaliter et a forma et a motore intrinseco, et motor intrinsecus nam (et?) forma intrinseca a qua mobile movetur idem sunt*". (*Sumulus de motu incerti auctoris*, p. 454, linhas 17-26). Sobre a data deste documento, assim como uma breve análise, ver: CLAGETT, 1959, p. 453-454.

confirmada por outras três traduções da *Física* II, 1, notadamente pela sentença que diferencia os entes naturais e os artefatos: “[...] οὐδεμίαν ὁρμὴν ἔχει μεταβολῆς ἔμφυτον”.²⁵

A sentença foi debatida indiretamente pelos tradutores que não viviam na mesma época e região, e diretamente pelos filósofos, seja no original,²⁶ seja nas versões latinas. São quatro traduções notavelmente distintas para o termo grego ὁρμὴν, a saber, *motum*, *impetum*, *ormen*, *principium*. A diferença também ocorre na composição dos termos que compõem a sentença: (I) *neque unum habet motum mutationis innatum (Vetus)*; (II) *neque unum habet impetum mutationis innatum (Moerbeke)*; (III) *nullam habet ormen transmutationis innatum (Vaticana)*; (IV) *non habet in se principium transmutationis omnino (Miguel Escoto)*.

A justificativa pela qual sustento que Aristóteles latino afirma o automovimento dos elementos na *Physica* II, 1, na tradução *Vetus*, encontra-se não somente na precisão da gramática latina, mas também na leitura de Tomás. A leitura de Tomás é importante porque há uma diferença na parte que segue as sentenças citadas entre as traduções (I), (II), (III) e a tradução (IV):

φύσεως ἀρχῆς τινὸς καὶ αἰτίας τοῦ κινεῖσθαι καὶ ἡρεμεῖν ἐν ᾧ ὑπάρχει πρῶτως καθ' αὐτό, καὶ μὴ κατὰ συμβεβηκός.

(I) *Vetus: est natura principium alicuius et causa movendi et quiescendi in quo est primum per se et non secundum accidens.*

(II) *Moerbeke: natura principium alicuius et causa movendi et quiescendi in eo, in quo est primum et per se, et non secundum accidens”.*

(III) *Vaticana: ente natura principio aliquo et causa mouendi et quiescendi in quo existunt primum secundum se et non secundum accidens.*

(IV) *Miguel Escoto: natura erit principium aliquod et causa, ut moveatur et quiescat illud, in quo est primo et per se, non per accidens.*

25 ARISTÓTELES. *Physica* II, 1, da edição Leonina.

26 É o caso do debate de Simplício com Filopono, (cf. HOFFMANN, 1987, p. 57-83), assim como de Alexandre de Afrodísias com Galeno (ver: PINES, 1961, p. 21-54). Sobre a leitura de Filopono de *Física* II, 1, ver: MCGUIRE, 1985, p. 241-267; MACIEROWSKI & HASSING, 1988, p. 73-100. Há também certo debate de Averróis com Avicena, ver: HASSING & MACIEROWSKI, 1992, p. 127-157.

A diferença encontra-se nas traduções dos verbos κινεῖσθαι e ἡρεμεῖν. Enquanto nas três primeiras traduções esses verbos são traduzidos pelo genitivo de gerúndio, *movendi* e *quiescendi*, na tradução de Miguel Escoto (IV) os verbos são traduzidos pelo subjuntivo presente, *moveatur* e *quiescat*. No que se refere às três primeiras traduções, a gramática latina não é precisa quanto à forma dos substantivos verbais, notadamente tratando-se da forma do gerúndio cujo sentido só pode ser ativo, e do gerundivo cujo sentido só pode ser passivo, pois são idênticas. Entretanto, ela é precisa quanto às regras para reconhecê-los e diferenciá-los. Não é necessário se ater longamente para perceber que *movendi* e *quiescendi* não podem estar no gerundivo e, que, portanto, não são passivos. A regra básica do gerundivo afirma que ele deve concordar em número, gênero e caso com o substantivo a que se refere. Como *movendi* e *quiescendi* encontram-se no genitivo singular, e não há ocorrência de substantivo no genitivo singular no período citado, então eles não estão no gerundivo. Estão, portanto, como já apontado, no gerúndio, cuja tradução literal reza “de mover” e “de repousar”. Sendo assim, pelas três primeiras traduções a noção de natureza deve ser entendida como princípio e causa em sentido ativo.

A partir do sentido ativo de natureza é justificável que o elemento seja automovente nas três primeiras traduções: (I) *motum mutationis innatum*; (II) *impetum mutationis innatum*; (III) *ormen transmutationis innatum*. Quanto à segunda tradução, a menos que seja neutralizado o sentido ativo que acompanha o termo *impetum* reduzindo-o a sinônimo de *inclinatio* ou *dispositio* que denotam uma disposição ou anterioridade que nem é atividade, nem passividade, mas possibilidade de ambos, o termo *impetum* enfatiza o princípio ativo que o ente natural possui. Porém, não percebo consistência numa interpretação que, dizendo respeito à definição de natureza, simplesmente trate *impetum* e *inclinatio* como sinônimos, pois na locomoção natural o *impetum* pressupõe a *inclinatio*. Ademais, é razoável supor que o filósofo e o tradutor escolhem os termos por razões filosóficas e semânticas. Por conseguinte, devem-se buscar as razões pelas quais o filósofo e o tradutor optaram por um e não por outro termo. Nesse sentido, tomando como referência a tradução de Moerbeke – *neque unum habet impetum mutationis innatum* – ela confirma o sentido explicitado anteriormente da tradução *Vetus*, ou seja, os elementos, como os demais entes naturais, se diferenciam dos artefatos porque possuem o motor intrínseco do movimento, notadamente da locomoção.

A tradução de Miguel Escoto, por seu turno, pode não confirmar a tradução *Vetus*, sendo, portanto, um possível obstáculo para minha interpretação, pois o verbo κινεῖσθαι ao ser tradu-

zido por Miguel Escoto pelo subjuntivo presente *moveatur*, pode ser entendido pela voz passiva. Nesse contexto, é importante mencionar sucintamente a formação da base donde deriva *moveatur*, o verbo *moveo*. A partícula *mo* é a base para as raízes *mot* e *mov*. As duas raízes viabilizam onze entradas nos dicionários, sejam de substantivos e adjetivos, sejam de verbos, dentre os quais encontra-se o verbo *moveo*.²⁷ Tal verbo pode ser transitivo ou intransitivo. Em ambos os casos, ele não é depoente. Não possui, portanto, a voz média. Nesse caso, não há uma regra gramatical que vete a possibilidade do subjuntivo *moveatur* ser entendido como passivo. Nessa medida, na tradução de Miguel Escoto, Aristóteles latino na *Physica* II, 1, afirma que a diferença entre os entes naturais e os artefatos se dá porque estes não possuem por si o *principium* para a mudança. O *principium* é característico dos entes naturais. Tal noção pode significar potência passiva, ou seja, a marca do ente natural é a posse da potência passiva para ser movido, razão pela qual na definição de natureza o verbo pode ser lido como passivo, a saber, *moveatur*, “seja movido”. Isso pode se coadunar com *Physica*, VIII, 4, e com *Meteorologica* I, 2, textos nos quais Aristóteles latino parece indicar que o motor externo está envolvido na locomoção natural do elemento. Aristóteles latino, na tradução de Miguel Escoto, portanto, pode não sustentar o automovimento dos elementos na *Physica* II, 1.

Embora seja muito possível que Tomás a tenha lido, é bastante improvável que ele tenha empregado a tradução de Miguel Escoto quando da redação do *In Physica* II, 1. No que concerne à tradução, Tomás cita diretamente *movendi* e *quiescendi* como traduções de κινεῖσθαι e ἠρεμεῖν respectivamente. Por essa razão, mesmo que a tradução de Miguel Escoto seja lida em sentido passivo, ela não está presente no *In Physica* II, 1: “Dicit autem *movendi et quiescendi*, quia ea quae naturaliter [...]”.²⁸ Os substantivos verbais em itálico estão reproduzidos segundo a edição Leonina. Isso significa que eles são citações diretas da *Physica* II, 1.

27 *Motabilis, motatio, motator, motio, motito, moto, motor, motorius, motus, movens, moveo*. (cf. LEWIS & SHORT, Oxford Latin Dictionary, p. 1168-1169).

28 (TOMÁS DE AQUINO. *In Physica* II, 1, n. 5). Alberto Magno também cita *movendi* e *quiescendi*: “[...] per hoc quod ipsa est principium motus per se et non per accidens, *quod natura est principium alicuius et causa movendi et quiescendi, in quo est primo per se et non secundum accidens*. Huius autem diffinitionis explanatio est, quia cum natura sit etiam privatio [...]”. (ALBERTO MAGNO. *In Physica* II, Tract. 1, cap. 3).

No século XIII, pelo que se nota, existiam pelos menos dois Aristóteles latinos possivelmente distintos, constatação que me conduz a formular a seguinte questão: a locomoção dos elementos para ser designada de natural, requer que no móvel ou na matéria haja algum princípio ativo? Para Aristóteles latino, na tradução da *Physica* de Miguel Escoto, a resposta *pode* ser negativa. Por outro lado, para Aristóteles latino, nas traduções *Vetus* e de Moerbeke a resposta *deve* ser positiva. Nas três traduções, a resposta é obtida pela relação entre *Physica* II, 1, e *Physica* VIII, 4. Na *Physica* II, 1, das três traduções, Aristóteles latino primeiro diferencia os entes naturais e os artefatos e depois define a noção de natureza. Nesse sentido, há uma íntima relação entre a mencionada diferença e a definição de natureza. Na *Physica* VIII, 4, das três traduções, Aristóteles latino discute sobre a possibilidade do automovimento dos elementos. A despeito do reconhecimento da complexidade da discussão pelo próprio autor, ele opta em negar o princípio ativo, negação que pode se harmonizar perfeitamente com *Physica* II, 1, na tradução de Miguel Escoto. Tratando-se das traduções *Vetus* e de Moerbeke da *Physica* II, 1, a diferença entre os entes naturais e os artefatos se dá porque estes não possuem o *motum* (*Vetus*) ou o *impetum* (Moerbeke) inato para a mudança. A noção de *motum*, como já explicitado, subsume o princípio ativo, conquanto a noção de *impetum* designa o próprio princípio ativo que pertence a todo ente natural. Isso se justifica porque, na definição de natureza, tanto na tradução *Vetus* quanto na tradução de Moerbeke, Aristóteles latino emprega o genitivo de gerúndio, donde decorre que os elementos, como os demais entes naturais, possuem o motor interno do movimento, o que pode ser contraditório com *Physica* VIII, 4, que parece negar o referido motor interno para os elementos.

A afirmação do automovimento local dos elementos na *Physica* II, 1, é percebida por Tomás, uma consequência da identificação sustentada por Aristóteles latino entre forma e motor. Para explicitar a leitura de Tomás é necessário realizar o exame do texto latino da *Physica* II, 1, que Tomás tinha em mãos ou um texto mais próximo possível. Digo “o mais próximo possível” porque até o momento não foi identificado o manuscrito da *Physica* usado por Tomás quando da redação do *In Physica*. Talvez essa identificação seja impossível devido ao fenômeno da contaminação. A contaminação dos manuscritos é um fenômeno complexo que se dá a partir de uma série de circunstâncias, mas que está fundamentalmente vinculado com a reprodução de manuscritos e consiste basicamente na reprodução de um determinado manuscrito a partir de

diferentes traduções.²⁹ Nesse sentido, é possível que o manuscrito que Tomás tinha em mãos fosse contaminado.³⁰

A possibilidade do trabalho conjunto entre Moerbeke e Tomás seria um viabilizador na identificação do manuscrito da *Physica*, pois, nesse caso, a identificação do manuscrito de Moerbeke seria suficiente.³¹ Ocorre, porém, que além do fato dos dois dominicanos não terem se encontrado mais do que duas vezes ao longo de suas vidas,³² Tomás pode ter mudado de alguma versão pré-moerbekiana da *Physica* para aquela de Moerbeke, ou uma contaminada cuja matriz era a versão moerbekiana, justamente depois do *In Physica* II, 1.³³

Dada a improbabilidade de identificação do manuscrito da *Physica* usado por Tomás, é preciso então estabelecer alguma estratégia para a realização da leitura da *Physica* II, 1, que, ao menos supostamente, se aproxime daquele que Tomás tinha em mãos. Uma solução possível consiste no emprego do texto grego (e sua tradução moderna) da *Física* II, 1.³⁴ Porém, neste

29 Cf. OLIVA, 2008, p. 147-149; p. 152-159.

30 Cf. MANSION, 1932, p. 66-69. Ver também: BOURKE, "Introduction", p. xix, nota 7.

31 O que é de certo modo postulado por Weisheipl: "Foi neste momento [1265] que, com a idade de quarenta e três anos, Tomás sentiu o chamado para escrever um comentário literal sobre todas as obras maiores do estagirita. Ele pediu a seu irmão e confrade, Guilherme de Moerbeke, que lhe fornecesse traduções literais do grego, totalmente confiáveis, de todos os escritos de Aristóteles e de alguns comentaristas importantes indisponíveis em latim. Sto. Tomás se propõe a comentar sobre as obras de ciência natural de Aristóteles, de filosofia moral e metafísica, dando aos seus contemporâneos uma explicação erudita que é completamente fiel com a melhor tradução disponível, e ao mesmo tempo compatível com a fé cristã, como ele tinha expresso em seus escritos teológicos". (WEISHEIPL, 1959, p. 30-31).

32 Cf. TORRELL, 2004, p. 203-207.

33 Cf. BOURKE, "Introduction", p. xix, nota 7. Na redação da *Suma Contra os Gentios* (1265-1266) Tomás usou a tradução *Vetus* para se referir a Aristóteles latino, cf. GAUTHIER, Préface, p. 267*-268*. Ademais, Gauthier é bastante contundente na afirmação do emprego de Tomás da tradução de Moerbeke da *Physica* a partir do *In Physica* V, cf. GAUTHIER, Préface, p. 205*-206*; p. 270*.

34 "[...] não é viável tentar uma tradução inglesa da *Física* que seja idêntica àquela (s) que Tomás leu. No entanto, é claro, a partir da *Expositio*, que Tomás tinha um texto que não era muito diferente das nossas presentes edições do grego [...]. As correspondências entre esta versão inglesa e os *Comentários* de Sto. Tomás são notavelmente claras e suficientes para justificar a tradução do presente volume e a recomendação de que em sua leitura seja consultada a tradução da *Física* de Oxford [feita por Hardie e

emprego pode haver um erro metodológico, pois, como já apontado, os sentidos atribuídos nele para ὄρμην e κινεῖσθαι diferem notavelmente das traduções *Vetus*, de Moerbeke e a Vaticana. Porque a análise se baseia exclusivamente nos documentos, embora não seja o ideal, é razoável relacionar a leitura de Tomás presente no *In Physica* II, 1, n. 3, com a tradução *Vetus* cotejada com as traduções de Miguel Escoto, de Moerbeke, assim como a Vaticana.

Tomás no *In Physica* II, 1, n. 3, não aponta a possível contradição na articulação entre *Physica* II, 1, e *Physica* VIII, 4. Ele se dirige diretamente à afirmação do automovimento dos elementos na *Physica* II, 1, decorrente da sentença *motum mutationis innatum* (ou similar). Como a justificativa dessa expressão encontra-se no emprego do genitivo de gerúndio, é muito improvável que Tomás tivesse em mãos a tradução de Miguel Escoto (ou um texto contaminado cuja matriz era a sua tradução), antes, uma das outras três traduções seria utilizada, ou serviu de base no caso do texto ser contaminado. Ao se referir à *Physica* II, 1, sobretudo no que se refere à diferença entre os entes naturais e os artefatos, Tomás escreve:

[1] Porém, não parece ser verdade que em qualquer mudança (*quamlibet mutationem*) das coisas naturais o princípio do movimento esteja naquilo que é movido. Pois, na alteração e na geração dos corpos simples, todo o princípio do movimento parece provir do agente extrínseco, como quando a água é esquentada ou o ar é convertido em fogo; o princípio da mudança provém do agente externo. Alguns dizem que, também em mudanças desse tipo, o princípio ativo do movimento está naquilo que é movido, não perfeitamente, mas imperfeitamente, colaborando na ação do agente exterior. Pois dizem que na matéria há alguma forma incoada, a qual denominam de privação, o terceiro princípio da natureza. A geração e a alteração dos corpos simples [11] naturais são denominadas a partir desse princípio intrínseco.³⁵

Gaye]”. (BOURKE, “Introduction”, p. xix).

35 “*Sed videtur hoc non esse verum, quod secundum quamlibet mutationem rerum naturalium, principium motus sit in eo quod movetur. In alteratione enim et generatione simplicium corporum, totum principium motus videtur esse ab extrinseco agente: puta cum aqua calefit, vel aer in ignem convertitur, principium mutationis est ab exteriori agente. Dicunt ergo quidam quod etiam in huiusmodi mutationibus principium activum motus est in eo quod movetur; non quidem perfectum, sed imperfectum, quod coadiuvat actionem exterioris agentis. Dicunt enim quod in materia est quaedam inchoatio formae, quam dicunt esse privationem, quae est tertium principium naturae; et ab hoc principio intrinseco generationes et alterationes corporum simplicium naturales dicuntur*”. (TOMÁS DE AQUINO. *In Physica* II, 1, n. 3).

É importante notar que, embora Tomás não cite o caso da locomoção natural do elemento, mas apenas da alteração e da geração e corrupção, o caso da locomoção natural do elemento encontra-se subentendido na expressão *quamlibet mutationem*. Tomás se dirige a Aristóteles latino ao afirmar que este sustenta que em *quamlibet mutationem* das coisas naturais o princípio do movimento está naquilo que é movido. Como a locomoção precede as demais mudanças, os elementos, possuindo o princípio ativo da locomoção, possuem o princípio ativo da mudança, seja o princípio ativo completo, o da alteração, seja o princípio ativo parcial, o que auxilia na geração e corrupção. Porém, Tomás discorda enfaticamente de Aristóteles latino – *sed videtur hoc non esse verum* – ao afirmar que todo o princípio ativo da locomoção e das mudanças do elemento provém do agente externo. Os casos elencados para sustentar sua crítica dizem respeito ao aquecimento da água, a alteração; a geração do fogo e a corrupção do ar, a mudança substancial; em ambas as mudanças todo o princípio ativo é externo. Não pode haver pretensão, portanto, na leitura dessa importante passagem da obra de Tomás. A pretensão deslocaria o foco da discussão, a saber, as linhas 1-6, para as linhas 6-11. A organização desse texto, entretanto, não é gratuita: Tomás primeiro se dirige a Aristóteles latino nas linhas 1-6 e depois aos anônimos (*quidam*) nas linhas 6-11. A discussão com os anônimos apenas enfatiza a discussão de Tomás com Aristóteles latino, não o contrário. Por conseguinte, não pode haver dúvidas de que Tomás lê na *Physica* II, 1, a afirmação de Aristóteles latino segundo a qual o que define os entes naturais é a posse do princípio ativo de movimento a partir do qual a mudança é consequência; mais especificamente, Tomás se dirige à concepção de movimento e mudança elementar presente na *Physica* II, 1.

As razões pelas quais Tomás critica Aristóteles latino devem ser investigadas, mesmo porque tradicionalmente fora transmitido que Tomás é um fiel seguidor de Aristóteles. Uma das razões diz respeito à identificação presente na *Physica* II, 1-2, entre forma e motor, que por sua vez implica na afirmação do automovimento dos elementos. Tomás, no entanto, é um enfático opositor dessa identificação. Dito de outro modo, Tomás sabe que Aristóteles latino estabelece na *Physica* II, 2, que a forma é mais natureza do que a matéria no sentido de que o ente natural opera de acordo com sua forma. Ele de fato vê essa identificação subsumida na sentença *motum mutationis innatum* (ou similar). Nessa medida, como, para Aristóteles latino, os elementos possuem forma, então é inata a eles a operação no âmbito do lugar, ou seja, movem-se por si mesmos. O foco, porém, se dá, por um lado, na locomoção porque esta precede as mudanças e,

por outro, nos elementos porque na região sublunar somente eles por natureza possuem posição no mundo.³⁶ Como contraponto, para Tomás, os elementos, assim como os astros,³⁷ a despeito de possuírem a potência ativa para operar em outros entes naturais, são potências passivas quanto à locomoção, logo, necessitam da operação de motores externos. Sendo assim, para Tomás, natureza dita para o elemento é princípio formal enquanto potência passiva para ser movida por outrem. Essa concepção de natureza em hipótese alguma pode ser dita “aristotélica” se a referência são as traduções *Vetus*, Vaticana e de Moerbeke (ou similares), pois contradiz a gramática do texto. Com efeito, como explicitado, para Aristóteles latino, nessas três traduções, natureza é princípio ativo da locomoção natural, razão pela qual a sentença *motum mutationis innatum* que diferencia os artefatos e os entes naturais na *Physica* II, 1, subsume o sentido de automovimento local elementar.

A crítica de Tomás à concepção de automovimento local de Aristóteles latino é confirmada por outro texto: *In De caelo* I, 3, n. 3. A diferença entre *In Physica* II, 1, n. 3, e *In De caelo* I, 3, n. 3, se dá porque naquele texto Tomás se dirige exclusivamente aos elementos, conquanto neste Tomás se refere aos elementos e aos astros. A razão pela qual Tomás critica Aristóteles latino no *In De caelo* I, 3, n. 3, é a mesma: a identificação entre forma e motor.

No *De caelo* I, 2, Aristóteles latino escreve:

Sobre, pois, a natureza do todo, se é infinito em magnitude ou se é finito segundo todo o volume, investigaremos posteriormente. Digamos, no entanto, sobre suas partes específicas, iniciando do seguinte modo. Para todos os corpos e magnitudes naturais dizemos que são por si mesmos móveis segundo o lugar; pois dizemos que a natureza é o princípio de seu movimento; ora, todo movimento local, que designamos de translação, ou é reto ou circular ou composto de ambos, pois estes dois são os únicos simples.³⁸

36 Cf. TOMÁS DE AQUINO. *In De caelo*, prooemium, n. 5.

37 Sobre a locomoção dos astros e sua necessidade em Tomás, ver: SANTOS, 2015, p. 95-124.

38 “*De totius quidem igitur natura, si quidem infinitum sit secundum magnitudinem, sive finitum secundum totam molem, posterius intendendum. De hiis autem que secundum speciem ipsius partibus nunc dicamus, principium facientes hoc. Omnia enim physica corpora et magnitudines secundum se ipsa mobilia dicimus esse secundum locum; naturam enim principium motus esse dicimus in ipsis; omnis autem motus secundum locum, quem vocamus lationem, aut rectus aut circularis aut ex hiis mixtus; simplices enim hii duo soli*”. (ARISTOTELIS LATINUS

As partes específicas do todo (*speciem ipsius partibus*), ou seja, do mundo, seguindo a interpretação de Tomás, dizem respeito aos entes que por natureza possuem posição no mundo, razão pela qual são designados de corpos simples, os elementos e os astros.³⁹ Nesse sentido, a sentença “todos os corpos e magnitudes naturais” (*omnia physica corpora et magnitudines*) é entendida por Tomás como referenciando os elementos e os astros. Eles são, nos termos de Aristóteles latino, “por si mesmos móveis segundo o lugar” (*se ipsa mobilia dicimus esse secundum locum*). Isso significa que os corpos simples, para Aristóteles latino, são automoventes na locomoção. Um pouco mais à frente, Aristóteles latino restringe a discussão, pois ele centra-se na locomoção natural dos astros:

Uma vez, pois, que existe o movimento simples, que o movimento circular é simples e que o movimento do corpo simples é simples, e mesmo que fosse um composto, seria segundo o [elemento/corpo] predominante, é necessário que haja algum corpo simples que naturalmente seja capaz (*ferrī*) de movimento circular segundo sua própria natureza.⁴⁰

A expressão “corpo simples”, além de denotar os elementos e os astros, também pode designar o quinto elemento, o éter, como observa Tomás.⁴¹ O éter é naturalmente capaz (*ferrī*)⁴² de mover circularmente os astros. Porém, como os astros se constituem de éter e forma, a qual é inseparável do éter, atribuir a capacidade ao éter equivale a atribuí-la à natureza completa dos astros. Portanto, quando Aristóteles latino afirma que as partes específicas do mundo, os corpos simples, notadamente os astros, são “móveis por si mesmos” e que “a natureza é princípio de seu

(Moerbeke). *De caelo* I, 2). Deve-se observar que é certo que Tomás empregou a tradução de Moerbeke do *De caelo* (finalizada em 1271) quando da redação do *In De caelo*, cf. CRUZ CRUZ, 2002, p. 13.

39 Cf. TOMÁS DE AQUINO. *In De caelo*, prooemium, n. 5.

40 “*Siquidem igitur est simplex motus qui in circuitu corporis motus et simplex motus simplicis corporis - et enim si compositi fuerit, secundum predominans erit -, necessarium esse aliquod corpus simplex, quod natum est ferrī circulari motu secundum sui ipsius naturam*”. (ARISTOTELIS LATINUS (Moerbeke). *De caelo* I, 2).

41 Cf. TOMÁS DE AQUINO. *In De caelo*, I, 4, n. 1-3.

42 Literalmente “*ferrī*” significa “forte” ou “infatigável” e, ademais, não transmite, na passagem citada, a ideia de uma potencialidade futura: “que poderá fazer”. Ele transmite a ideia de presente: “está fazendo agora”, ou seja, o éter está movendo aqui e agora os céus. Sendo assim, uma vez que o éter é “capaz” por si de mover os céus, ele está, de fato, aqui e agora movendo os céus.

movimento”, ele está excluindo a hipótese de haver motores externos como causas eficientes da locomoção natural dos astros na medida em que estes motores possam ser diferenciados das formas dos astros. Nessa medida, a natureza dos astros é o motor eficiente e suficiente de sua locomoção e os motores externos seriam a causa final da referida locomoção.

Tomás, em resposta à identificação entre forma e motor, dirige a Aristóteles latino palavras severas: “Porém, parece que isso é falso (*sed videtur hoc esse falsum*): com efeito, o céu é um corpo natural, e ainda assim, parece que o seu movimento não se dá a partir da natureza, mas de algum intelecto”.⁴³ A justificativa de Tomás para sua crítica a Aristóteles latino ocorre pela diferença entre os princípios ativo e passivo do movimento:

Porém, devemos dizer que o princípio de movimento é duplo: um ativo, que é o próprio motor, e tal princípio nos animais é a alma; porém, há outro princípio de movimento, o passivo, segundo o qual o corpo tem aptidão para ser movido deste modo; este princípio passivo de movimento se encontra nos corpos graves e leves. Com efeito, eles não se compõem de motor e movido [...]. Assim, pois, é preciso dizer que o princípio ativo do movimento dos corpos celestes é uma substância intelectual; porém, o princípio passivo é a natureza desse corpo, pela qual o corpo é capaz naturalmente de ser movido com tal movimento. Ocorreria algo semelhante em nós se a alma não movesse nosso corpo senão seguindo a inclinação natural deste, a saber, para baixo.⁴⁴

A hipotética neutralização das operações da alma humana sobre o corpo é evocada por Tomás para explicitar a locomoção natural sem que a forma seja o motor dela. Nessa hipótese, o homem estaria se locomovendo para baixo, pois o corpo humano é predominantemente gra-

43 “*Sed videtur hoc esse falsum: caelum enim est corpus naturale, nec tamen eius motus videtur esse a natura, sed magis ab aliquo intellectu*”. (TOMÁS DE AQUINO. *In de Caelo* I, 3, n. 3).

44 “*Sed dicendum est quod duplex est principium motus: unum quidem activum, quod est ipse motor, et tale principium motus animalium est anima: aliud autem est principium motus passivum, scilicet secundum quod corpus habet aptitudinem ut sic moveatur, et huiusmodi principium motus est in gravibus et levibus. Non enim componuntur ex movente et moto [...]. Sic igitur dicendum est quod principium activum motus caelestium corporum est intellectualis substantia: principium autem passivum est natura illius corporis, secundum quam natum est tali motu moveri. Et esset simile in nobis si anima non moveret corpus nostrum nisi secundum naturalem inclinationem eius, scilicet deorsum*”. (TOMÁS DE AQUINO. *In De caelo* I, 3, n. 3).

ve. A alma simplesmente seguiria a inclinação do corpo. Seria um movimento natural, devido à inclinação natural, porém, a alma, forma do corpo, não operaria. Nesse caso, não haveria o princípio formal da locomoção natural, apenas o material. Situação semelhante encontra-se no céu, segundo Tomás, pois a natureza completa de cada astro, matéria e forma, é naturalmente princípio passivo para a locomoção, razão pela qual é indiferente, para a natureza do astro, encontrar-se aqui e agora numa ou noutra das doze constelações zodiacais, o que não ocorreria, por exemplo, se o elemento terra fosse levado para a esfera do fogo ou se este fosse levado para a esfera da terra, pois neste caso, haveria corrupção de um e geração de outro. A locomoção do céu, portanto, lhe é natural porque sua natureza enquanto princípio passivo possui a potência natural para ser movida (*moveri*) pelo motor separado, o intelecto.

A afirmação da passividade da locomoção (*moveri*) também encontra-se no *In Physica II*, 1, n. 4: nessa passagem, a passividade é dita para os artefatos, os astros e os elementos. Nesse contexto, há uma subdivisão: os artefatos e os astros de um lado, e os elementos, de outro. Essa subdivisão se justifica porque os artefatos, acidentalmente, e os astros, naturalmente, possuem o princípio material para a locomoção, conquanto os elementos possuem o princípio formal da locomoção. Ao tratar dos artefatos e dos astros, Tomás escreve:

E, por conseguinte, deve ser dito que, nas coisas naturais, há princípio de movimento de acordo com o modo do movimento. Portanto, nas coisas que é próprio mover, há nelas o princípio ativo do movimento; em outras que é próprio serem movidas, há nelas o princípio passivo que é a matéria. E este princípio na medida em que tem potência natural para a forma e o movimento, faz com que o movimento seja natural. Por esta razão, a produção das coisas artificiais não é natural, pois mesmo estando presente o princípio material, não tem a potência natural para tal forma. Assim também o movimento local dos corpos celestes é natural, mesmo que provenha de um motor separado, pois há no corpo celeste uma potência natural para tal movimento.⁴⁵

45 “*Et ideo dicendum est quod in rebus naturalibus eo modo est principium motus, quo eis motus convenit. Quibus ergo convenit movere, est in eis principium activum motus; quibus autem competit moveri, est in eis principium passivum, quod est materia. Quod quidem principium, in quantum habet potentiam naturalem ad talem formam et motum, facit esse motum naturalem. Et propter hoc factiones rerum artificialium non sunt naturales: quia licet principium materiale sit in eo quod fit, non tamen habet potentiam naturalem ad talem formam. Et sic etiam motus localis corporum caelestium est naturalis, licet sit a motore separato, in quantum in ipso corpore caeli est potentia naturalis ad talem motum*”. (TOMÁS DE AQUINO. *In Physica II*, 1, n. 4).

A naturalidade do movimento decorre do princípio possuir a potência natural para a forma e o movimento. Como o princípio é dito material (passivo), ou formal (ativo), resta investigar se os artefatos e os astros são compreendidos num ou noutra registro. Os artefatos, a despeito de possuírem acidentalmente o princípio material, são excluídos dos registros porque não possuem a potência natural para a forma e o movimento. Os astros, por seu tuno, possuem o princípio material. Por ele, os astros possuem a potência natural para a locomoção, o que torna esta locomoção natural.

O final da passagem citada, por mais enigmático que pareça, sobretudo porque situa-se no interior de um “comentário” a Aristóteles latino, confere uma peculiar autonomia de Tomás a respeito do autor mencionado. Com efeito, Tomás afirma que não é a natureza a causa eficiente ou o motor da locomoção celeste, muito embora esta locomoção seja natural devido à potência natural intrínseca ao céu. Negar essa eficiência à natureza implica em negar que o motor seja constituinte do céu e, que, portanto, conforme já explicitado, não há no céu o princípio formal da locomoção natural. Dito com outras palavras, Tomás está destituindo a identidade afirmada por Aristóteles latino entre forma e motor no contexto da locomoção natural dos corpos simples.

Não pode passar despercebido a importância e o alcance dessa destituição empreendida por Tomás, pois não é exagero afirmar que ele estabelece uma nova *scientia naturalis* com relação à *scientia naturalis* de Aristóteles latino. O próprio Tomás sustenta que compete à *scientia naturalis* enquanto ciência geral e integral tratar da posição e locomoção dos corpos simples.⁴⁶ Nessa medida, se ele se distancia de Aristóteles latino no momento preciso do estabelecimento

46 “*Et ideo rationabilior videtur sententia Alexandri, quod subiectum huius libri sit ipsum universum, quod dicitur caelum vel mundus; et quod de simplicibus corporibus determinatur in hoc libro, secundum quod sunt partes universi. Constituitur autem universon corporeum ex suis partibus secundum ordinem situs: et ideo de illis solum partibus universon determinatur in hoc libro, quae primo et per se habent situm in universon, scilicet de corporibus simplicibus. Unde et de quatuor elementis non determinatur in hoc libro secundum quod sunt calida vel frigida, vel aliquid huiusmodi; sed solum secundum gravitatem et levitatem, ex quibus determinatur eis situs in universon. Aliis autem partibus universon, puta lapidibus, plantis et animalibus, non determinatur situs secundum se, sed secundum simplicia corpora: et ideo de his non erat in hoc libro agendum. Et hoc consonat ei quod consuevit apud Latinos dici, quod in hoc libro agitur de corpore mobili ad situm, sive secundum locum: qui quidem motus communis est omnibus partibus universon*”. (TOMÁS DE AQUINO. *In De caelo*, prooemium, n. 5).

das bases da *scientia naturalis*, não lhe cabe o adjetivo “aristotélico”, mas sim dois outros: autônomo e criativo.⁴⁷

A autonomia e a criatividade de Tomás encontra-se, dentre outros,⁴⁸ nos textos já considerados de *In Physica* II, 1, e *In De caelo* I, 3. No que tange ao *In De caelo* I, 3, além da hipotética neutralização das operações da alma humana sobre o corpo, Tomás também cita o caso dos elementos no intuito de esclarecer a afirmação da locomoção sem que a forma seja o motor. Conforme apontado, não há princípio formal na locomoção dos astros. O mesmo, porém, não pode ser dito dos elementos. Ocorre, entretanto, que, a despeito de haver nos elementos o princípio formal, este não é potência ativa, mas sim potência passiva. O princípio formal apenas determina a posição dos elementos no mundo: a terra abaixo da água, esta, por seu turno, abaixo do ar, e este, por fim, abaixo do fogo:

Nos corpos pesados e leves há o princípio formal do movimento (porém, este princípio formal não pode ser dito potência ativa pertencente a este movimento, mas pelo contrário, é entendido como potência passiva, pois a gravidade da terra não é princípio para se mover, mas sim para ser movida); porque assim como os outros acidentes seguem a forma substancial, assim também o lugar e, por consequência, ser movido para este lugar, pois a forma natural não é o motor, mas o motor é o gerador que dá tal forma a partir da qual segue o movimento.⁴⁹

47 Oponho-me às interpretações de Weisheipl (1955, 1959, 1965, 1974, 1981, 1982), Aertsen (1988) e Lang (1996), pois sustentam que a base da *scientia naturalis* de Tomás é a *scientia naturalis* de Aristóteles. Como mostrei, essa afirmação é descabida, pois Tomás explicitamente se põe contra as bases da *scientia naturalis* de Aristóteles latino. De igual modo, me oponho às interpretações de Elders, pois recai no mesmo equívoco dos outros autores mencionados: “Tendo examinado o *Comentário* ao Livro II, podemos concluir que Tomás está plenamente de acordo com a teoria de Aristóteles sobre os quatro gêneros de causalidade. *Não há a menor indicação de que Tomás não aceita alguns pontos do texto*”. (ELDERS, 2013, p. 729. Grifo meu). É surpreendente Elders escrever que não há indicação de que Tomás discorda de Aristóteles no *In Physica* II, pois é notável, nesse texto, a crítica de Tomás a Aristóteles latino: *sed videtur hoc non esse verum*. Ademais, essa ingenuidade de Elders está presente ao longo de todo o seu livro “*La philosophie de la nature de Saint Thomas d’Aquin*”, pois ele pressupõe que a base da *scientia naturalis* de Tomás é a mesma daquela de Aristóteles.

48 Cf. TOMÁS DE AQUINO. *In Physica* IV, 7, n. 1-9; *In Physica* IV, 8, n. 7; *In Physica* VIII, 2, n. 4; *In De caelo* II, 15, n. 1-10; *In De caelo* II, 18 n. 4-11.

49 “*In corporibus vero gravibus et levibus est principium formale sui motus (sed huiusmodi principium*

As afirmações dessa passagem não só se configuram como uma crítica à concepção de natureza de Aristóteles latino, mas ela também manifesta a criatividade de Tomás concernente à locomoção natural elementar. Com efeito, Tomás entende que a gravidade e a leveza enquanto princípio formal da locomoção elementar denotam passividade. Ao menos seis teses, três explícitas e três implícitas, presentes no *In Physica* II, 1, n. 4, justificam a afirmação segundo a qual o princípio formal do elemento é potência passiva: (i) há relação entre forma substancial e formas acidentais; (ii) ser movido para o lugar próprio, a primeira locomoção natural do elemento, é consequência da introdução da forma substancial na matéria devidamente disposta, a geração; (iii) a forma natural do elemento não é o motor de sua locomoção natural, mas sim o gerador; (iii.i) o gerador é a causa específica e primeira da locomoção natural do elemento, ambos separáveis tanto materialmente, uma vez que depois da geração não há mais contato entre as extremidades das tangentes do gerador e do elemento gerado, quanto formalmente, pois o gerador não acompanha o elemento gerado; (iii.ii) o céu é a causa genérica (o gerador genérico) da locomoção natural do elemento, ou seja, a causa remota formalmente inseparável do elemento gerado, pois o conserva na existência; (iii.iii) a resistência presente na geração é vencida pelo gerador específico e pelo gerador genérico.

As seis teses se articulam com a teoria sobre as qualidades ativas e passivas presentes nos elementos. Segundo Tomás, as formas acidentais que necessariamente acompanham a forma substancial quando da geração do elemento, ou seja, as qualidades ativas e passivas dos elementos, são diferenciadas segundo a especificidade do movimento que se produz por elas, a saber, a locomoção e a alteração,⁵⁰ sendo que esta depende daquela. Nesse sentido, as qualidades da locomoção são a gravidade e a leveza, que, para Tomás, são passivas, não ativas. Quanto às qualidades da alteração, as ativas são a calefação e a frieza, as passivas, por sua vez, são a

formale non potest dici potentia activa, ad quam pertinet motus iste, sed comprehenditur sub potentia passiva: gravitas enim in terra non est principium ut moveat, sed magis ut moveatur): quia sicut alia accidentia consequuntur formam substantialem, ita et locus, et per consequens moveri ad locum: non tamen ita quod forma naturalis sit motor, sed motor est generans, quod dat talem formam, ad quam talis motus consequitur". (In Physica II, 1, n. 4).

50 “[...] *elementis collatae sunt qualitates quae sunt principia alterationis, ut calor et frigus et hujusmodi; et illa quae sunt principia motus localis, ut gravitas et levitas [...]*”. (TOMÁS DE AQUINO. *Scriptum super Sententiis*, II, d. 13, q. 1, a. 1, ad3).

umidade e a secura. As ativas precedem as passivas e, ademais, a calefação que se dá devido à locomoção natural dos astros,⁵¹ é anterior à frieza.⁵²

O caráter de forma accidental das qualidades inviabiliza que elas sejam compreendidas como constituindo a forma substancial do elemento, como no caso da ignescência do fogo.⁵³ Nessa medida, a locomoção natural do elemento não decorre de sua forma substancial como princípio ativo,⁵⁴ embora a gravidade ou a leveza esteja necessariamente unida a ela como acidente próprio do elemento.⁵⁵ A gravidade ou a leveza como princípio formal é potência natural

51 Segundo Tomás, Averróis latino teria afirmado que a calefação precede ao movimento, e que, portanto, o móvel em ato é quente em ato: “*Sed adhuc dubium est, ex qua natura contingat quod motus habeat virtutem igniendi sive calefaciendi. Ad quod respondet Averroes in suo commento quod proprium est calidi esse mobile; et ideo cum aliquid actu movetur, fit etiam actu calidum. Sed hoc non videtur verum. Primo quidem quia moveri non est proprium calidi, sed cuiuslibet corporis naturalis: nam ea quae moventur motu recto, in suis locis quiescunt, moventur autem existentia extra sua loca; corpora autem caelestia moventur circulariter in suis locis, quae neque sunt calida neque frigida*”. (TOMÁS DE AQUINO. In *De caelo* II, 10, n.10).

52 “*In quolibet autem genere id quod est primum est causa eorum quae sunt post in eodem genere: unde motus localis est causa alterationis, quae est prima inter alios motus; et praecipue est causa primae alterationis, quae est calefactio. Alteratio enim secundum omnes alias qualitates, causatur ex alteratione primarum quatuor qualitatum; inter quas duae activae, scilicet calidum et frigidum, sunt priores passivis, scilicet humido et sicco; calidum autem est prius frigido, sicut forma privatione, ut patet ex supra dictis. Unde motus localis proprie est causa calefactionis. Habet autem hoc omnis motus localis ex virtute motus caelestis, qui est primus localium motuum*”. (TOMÁS DE AQUINO. In *De caelo* II, 10, n. 10).

53 “*Nulla autem operatio convenit alicui nisi per aliquam formam in ipso existentem, vel substantialem vel accidentalem; quia nihil agit aut operatur nisi secundum quod est actu. Est autem unumquodque actu per formam aliquam vel substantialem vel accidentalem, cum forma sit actus; sicut ignis est actu ignis per igneitate, actu calidus per calorem*”. (TOMÁS DE AQUINO. *De spiritualibus creaturis*, a. 2, resp.).

54 “*Et ideo post istam formam que est anima inveniuntur alie forme plus de potentia habentes et magis propinque materie, in tantum quod esse earum sine materia non est; in quibus esse inveniuntur ordo et gradus usque ad primas formas elementorum, que sunt propinquissime materie: unde nec aliquam operationem habent nisi secundum exigentiam qualitatum actiuarum et passiuarum et aliarum quibus materia ad formam disponitur*”. (TOMÁS DE AQUINO. *De ente et essentia*, c. 4, n. 59).

55 “*Unde videmus in corporibus naturalibus, quod inclinatio quae est ad esse rei, non est per aliquid superadditum essentiae; sed per materiam, quae appetit esse antequam illud habeat, et per formam, quae tenet rem in esse postquam fuerit. Sed inclinatio ad aliquid extrinsecum, est per aliquid essentiae superadditum, sicut inclinatio ad locum est per gravitatem vel levitatem, inclinatio autem ad faciendum sibi simile est per qualita-*

segunda para um ato segundo, qual seja, estar numa determinada esfera.⁵⁶ Não cabe à forma substancial do elemento, portanto, atualizar a gravidade ou a leveza, pois isso é feito pela causa específica ou genérica. A locomoção natural do elemento, para Tomás, assim como a do astro, não ocorre pela forma imanente, como sustenta Aristóteles latino na *Physica* II, 1-2, mas só ocorre pela causalidade dos motores externos. Assim sendo, partindo de uma micro exegese de *Physica* II, 1, e de *In Physica* II, 1, sobretudo no que se refere à locomoção natural dos corpos simples, é possível sustentar que a *scientia naturalis* de Aristóteles latino (*Vetus*/Moerbeke/Vaticana) e a *scientia naturalis* de Tomás são incompatíveis no âmbito da filosofia e da gramática, uma vez que, para o primeiro, natureza é princípio ativo, e, para o segundo, ela é princípio passivo. Conforme explicitado, o genitivo de gerúndio presente na tradução *Vetus*, e confirmada pelas traduções de Moerbeke e a Vaticana, *movendi*, que traduz o verbo κινεῖσθαι, manifesta que, para Aristóteles latino, os corpos simples são automoventes na locomoção. Este é o fundamento pelo qual Aristóteles latino (*Vetus*) afirma que a diferença entre os entes naturais e os artefatos encontra-se na constatação de que estes não possuem o *motum mutationis innatum*, razão pela qual não somente todo ente natural possui o motor intrínseco para as mudanças, mas e, sobretudo, os elementos possuem o motor intrínseco da locomoção.

Em oposição a Aristóteles latino, Tomás sustenta que apenas os animados possuem o motor intrínseco da locomoção natural: a alma. A natureza completa dos inanimados, por sua vez, a matéria e a forma, são potências passivas para serem naturalmente movidos por outrem, uma tese bastante cara à *scientia naturalis* de Tomás. Com efeito, para mantê-la, Tomás, por exigências filosóficas, não somente crítica as bases da *scientia naturalis* de Aristóteles latino – a definição de natureza e sua aplicabilidade na locomoção natural dos elementos – mas também rompe com a *scientia naturalis* de Aristóteles latino. Este procedimento de Tomás evidencia que no século XIII a redescoberta do *corpus aristotelicus* está vinculada com uma postura bastante crítica de sorte que Aristóteles, tal como é transmitido por certos historiadores da filosofia medieval e da ciência,⁵⁷ não se configura como uma autoridade filosófica no sentido de que as bases de sua *scientia naturalis* devem ser seguidas e constantemente confirmadas. É o próprio

tes activas". (TOMÁS DE AQUINO. *Summa Theologiae*, Ia, q. 59, a. 2, resp.).

56 Cf. TOMÁS DE AQUINO. *Summa Theologiae*, Ia, q. 76, a. 6, resp.

57 Ver os textos da nota 3, 4 e 5.

Tomás quem sustenta que o propósito da filosofia e, acrescento, também aquele da *scientia naturalis*, não se confunde com o pensamento de determinados homens, mesmo que estes sejam considerados como autoridades: “Porém, não temos de nos preocuparmos muito deste assunto, seja ele como for, porque o estudo da filosofia não é para saber o que os homens pensam, mas em que consiste a verdade das coisas”.⁵⁸ No contexto que antecede a citação, sucintamente, Tomás expõe certa peleja entre Simplício e Alexandre de Afrodísias sobre o modo pelo qual Aristóteles procedeu quanto à linguagem metafórica e as teorias de Platão que tratam da instituição do mundo presente no *Timaeus*. A resposta de Tomás é categórica: em filosofia, na qual está subsumida a *scientia naturalis*, não se pode confundir o essencial com o supérfluo. Se as proposições de Platão ou Aristóteles são falsas, então elas devem ser abandonadas, não importando o fato de terem sido proferidas por eles. Tal abandono se mostra com muita consistência no texto outrora apresentado de *In Physica* II, 1, n. 3, notadamente quando Tomás se referindo à definição de natureza aplicada ao caso da locomoção natural dos elementos presente na *Physica* II, 1, escreve: *sed videtur hoc non esse verum*. Ademais, o abandono é confirmado no *In De caelo* I, 3, n. 3, pois como apresentado, Tomás ao se referir à definição de natureza de Aristóteles latino aplicada ao caso da locomoção dos astros, diz: *sed videtur hoc esse falsum*. Em suma, o procedimento crítico de Tomás com relação às bases da *scientia naturalis* de Aristóteles latino manifesta um sentido de recepção do *corpus aristotelicus* mais próximo do rompimento do que da continuidade.

58 “*Quidquid autem horum sit, non est nobis multum curandum: quia studium philosophiae non est ad hoc quod sciatur quid homines senserint, sed qualiter se habeat veritas rerum*”. (TOMÁS DE AQUINO. *In De caelo* I, 22, n. 8).

Referências bibliográficas

- AERTSEN, J. A. 1988. *Nature and Creature: Thomas Aquinas's Way of Thought*. Leiden: Brill.
- AERTSEN, J. A. 2012. Platonism. In: PASNAU, R. (ed). *The Cambridge History of Medieval Philosophy* (Vol. I). Cambridge: Cambridge University Press.
- AGOSTINO NIFO. 1511. *Eutychi Metaphysicarum disputationum dilucidarium*. Neapolis/Erscheinungsjahr.
- ALBERTO MAGNO. 1951. Physica. Libri 1-4. In: *Alberti Magni Opera Omnia edenda curavit Institutum Alberti Magni Coloniense Bernharδο Geyer praeside*. Münster: Aschendorff.
- ARISTOTELES LATINUS VII 1. 1990. *Physica* (translatio Vetus). Leiden, New York: Brill.
- ARISTOTELES LATINUS VII 2. 1990. *Physica* (translatio Vaticana). Leiden, New York: Brill.
- ARISTOTELES LATINUS. 2003. De caelo et mundo (trad. Moerbeke). In: BRAMS, J.; TOMBEUR, P. (eds.). *Aristoteles Latinus database*. Turnhout: Brepols.
- ARISTOTELES LATINUS. 2003. Meteorologica (trad. Moerbeke). In: BRAMS, J.; TOMBEUR, P. (eds.). *Aristoteles Latinus database*. Turnhout: Brepols.
- ARISTOTELIS. 1962. Physica (trad. Moerbeke). In: *Aristotelis opera cum Averrois commentariis*, vol. IV, Venetiis apud Junctas 1562-1574, repr. Frankfurt a.M.: Minerva. ARISTOTELIS. 1962. Physica (trad. Miguel Escoto). In: *Aristotelis opera cum Averrois commentariis*, vol. IV, Venetiis apud Junctas 1562-1574, repr. Frankfurt a.M.: Minerva.
- ARISTOTELIS. 1884. Física (texto Grego). In: TOMÁS DE AQUINO. *In octo libros physicorum Aristotelis expositio*. Opera omnia iussu impressaque Leonis XIII P. M. edita, vol. II, Roma: Typographia Polyglotta.
- ASHLEY, B. M. 1991. The River Forest School and the Philosophy of Nature Today. In: LONG, R. J. (ed.). *Philosophy and the God of Abraham: essays in memory of James A. Weisheipl*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies.
- BATAILLON, J. L.; GUYOT, B. G.; HOUSE, R. H. (orgs.). 1991. *La Production du Livre Universitaire au Moyen Age: Exemplar et Pecia* (Actes du symposium tenu au Collegio San Bonaventura de Grottaferrata). Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.
- BEAVERS, A. F. 1988. Motion, Mobility, and Method in Aristotle's "Physics": Comments on "Physics" 2.1.192b20-24. *The Review of Metaphysics*, Washington, v. 42, n. 2, p. 357-374.
- BOURKE, Vernon. 1999. "Introduction". In: TOMÁS DE AQUINO. *Commentary on Aristotle's Physics*.

Notre Dame, Indiana: New Haven Yale University Press.

BRAMS, J.; VENHAMEL, W. (eds.). 1989a. *Guillaume de Moerbeke: Recueil d'études à l'occasion du 700e anniversaire de sa mort (1286)*. Leuven: Leuven University Press.

BRAMS, J.; VUILLEMIN-DIEM, G. 1989b. Note concernant la collation d'un deuxième manuscrit grec de la Physique per Guillaume de Moerbeke. In: BRAMS, J.; VUILLEMIN-DIEM, G.; VENHAMEL, W. (eds.). *Guillaume de Moerbeke: Recueil d'études à l'occasion du 700e anniversaire de sa mort (1286)*. Leuven: Leuven University Press.

BRAMS, J. 1989a. La 'Recensio Matritensis de la Physique. In: BRAMS, J.; VENHAMEL, W. (eds.). *Guillaume de Moerbeke: Recueil d'études à l'occasion du 700e anniversaire de sa mort (1286)*. Leuven: Leuven University Press.

BRAMS, J. 2001. Les Traductions de Guillaume de Moerbeke. In: HAMESSE, J. (ed.). *Les Traducteurs au travail leurs Manuscrits et leurs Méthodes*. Belgium: Brepols.

CAIAZZO, I. 2007. La materia nei commenti al Timeo del secolo XII. *Quaestio. Annuario di storia della metafisica*, Lyon, v. 7, p. 245-264.

CAIAZZO, I. 2012. La forme et les qualités des éléments: lectures médiévales du Timée. In: CELIA, F.; ULACCO, A. (eds.). *Il Timeo. Egesi greche, arabe, latine*. Pise: Edizioni Plus-Pisa University Press, p. 307-345.

CLAGETT, M. 1959. *The Science of Mechanics in the Middle Ages*. Madison: Univ. of Wisconsin.

CRANZ, F. E. 1976. Editions of the Latin Aristotle accompanied by the Commentaries of Averroes. In: MAHONEY, E. P. (ed.). *Philosophy and Humanism: Renaissance Essays in Honor of Paul Oskar Kristeller*. Brill Archive.

CROMBIE, A. C. 2000. *Historia de la ciencia: de San Agustin a Galileo* (Vol. 1-2). Madrid: Alianza.

CRUZ CRUZ, J. 2002. Ambivalencia Natural de um Cosmos Jerarquizado. In: TOMÁS DE AQUINO. *Comentario al libro de Aristóteles sobre el Cielo y el Mundo*. Pamplona: EUNSA.

DE LIBERA, A. 1998. *A Filosofia Medieval*. São Paulo: Loyola.

DOD, B. 1982. Aristoteles Latinus. In: KRETZMANN, N.; KENNY, A.; PINBORG, J. (eds.). *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press.

ELDERS, L. J. 1994. *La philosophie de la nature de Saint Thomas d'Aquin*: philosophie générale de la nature, cosmologie, philosophie du vivant, anthropologie philosophique. Paris: Pierre Téqui.

ELDERS, L. J. 2013. St. Thomas Aquinas's Commentary on Aristotle's Physics. *Review of Metaphysics*, Washington, v. 66, n. 4, p. 713-748.

FLOOD, J.; GINTHER, R. J.; GOERING, J. W. (eds.). 2013. *Robert Grosseteste and His Intellectual Milieu: New Editions and Studies*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies.

GAUTHIER, R. -A. 1984. "Préface". In: TOMÁS DE AQUINO. *Sentencia libri De anima*. Leonine ed., vol.45|1. Roma: Commisio Leonina-J.Vrin.

GRANT, Edward. 2002. *Os Fundamentos da Ciência Moderna na Idade Média*. Porto: Porto Editora,

HASSING, R. F.; MACIEROWSKI, E. M. 1992. Latin Averroes on the Divisibility and Self-Motion of the Elements. *Archiv für Geschichte der Philosophie*, v. 74, n. 2, p. 127-157.

HOFFMANN, P. 1987. Simplicius' Polemics. In: SORABJI, R. (ed.). *Philoponus and the Rejection of Aristotelian Science*. Ithaca: Cornell University Press.

KLIBANSKY, R. 1981. *The Continuity of the Platonic Tradition during the Middle Ages*. London: The Warburg Institute.

LANG, H. S. 1996. Thomas Aquinas and the Problem of Nature in Physics II, 1. *History of Philosophy Quarterly*, Chicago, v. 13, n. 4, p. 411-432.

LEWIS, C. T.; SHORT, C. 1958. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford Clarendon Press.

MACIEROWSKI, E. M.; HASSING, R. F. 1988. John Philoponus on Aristotle's Definition of Nature: A translation from the Greek with Introduction and Notes. *Ancient Philosophy*, Pittsburgh, v. 8, n. 1, p. 73-100.

MAIER, A. 1982. *On the Threshold of Exact Science: Select writings of Anneliese Maier on Late Medieval Natural Philosophy*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

MANSION, A. 1932. Sur le texte de la version latine médiévale de la Métaphysique et de la Physique d'Aristote dans les éditions des Commentaires de saint Thomas d'Aquin. *Revue néo-scholastique de philosophie*, Louvain, v. 34, n. 33, p. 65-69.

MANSION, A. 1946. Les prémices de l'Aristoteles latinus. *Revue Philosophique De Louvain*, Louvain, v. 44, n. 1, p. 104-129.

MANSION, A. 1956. Les progrès de l'Aristoteles latinus. *Revue Philosophique De Louvain*, Louvain, v. 54, n. 41, p. 90-111.

MCGUIRE, J. E. 1985. Philoponus on Physics ii 1: φύσις, δύναμις, and the Motion of the Simple Bodies. *Ancient Philosophy*, Pittsburgh, v. 5, n. 2, p. 241-267.

MINIO-PAUELLO, L. 1952. Iacobus Veneticus Grecus: Canonist and Translator of Aristotle. *Traditio*, New York, v. 8, p. 265-304.

- OLIVA, Adriano. 2008. A Comissão Leonina, 125 anos depois de sua fundação, se estabelece em Paris. *Aquinate*, Niterói, n. 6, p. 141-159.
- PASNAU, R. 2012. The Aristotle Latin. In: SHIELDS, C. (ed.). *The Oxford Handbook of Aristotle*. Oxford: Oxford University Press.
- PETER OF AUVERGNE. 2003. *Questions on Aristotle's "De caelo"*. Leuven: Leuven University Press.
- PINES, S. 1961. Omne quod movetur necesse est ab aliquo moveri: A Refutation of Galen by Alexander of Aphrodisias and the Theory of Motion. *Isis*, Chicago, v. 52, n. 1, p. 21-54.
- SANTOS, E. B. 2015. Causalidade e Natureza na Cosmologia de Tomás de Aquino. *Philosophos*, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 95-124.
- Sumulus de motu incerti auctoris*. 1959. In: CLAGETT, M. *The science of mechanics in the Middle Ages*. Madison: Univ. of Wisconsin.
- TOMÁS DE AQUINO. 1884. *In octo libros physicorum Aristotelis expositio*. Opera omnia iussu impressaque Leonis XIII P. M. edita, vol. II, Roma: Typographia Polyglotta.
- TOMÁS DE AQUINO. 1886. *In libros Aristotelis De caelo et mundo*. Opera omnia iussu impressaque Leonis XIII P. M. edita, vol. III, Roma: Typographia Polyglotta.
- TOMÁS DE AQUINO. 1929. *Scriptum Super Libros Sententiarum Magistri Petri Lombardi*. Ed. P. Mandonnet t.1, t.2, Parisiis: P. Lethielleux.
- TOMÁS DE AQUINO. 1889. *Pars prima Summae Theologiae a quaestione L ad quaestionem CXIX*. Opera omnia iussu impressaque Leonis XIII P. M. edita, vol. V. Roma: Typographia Polyglotta.
- TOMÁS DE AQUINO. 1976. *De ente et essentia*. Opera omnia iussu Leonis XIII P. M. edita, vol. XLIII, Roma: Editori di San Tommaso.
- TOMÁS DE AQUINO. 2000. *Quaestio Disputata De Spiritualibus Creaturis*. Ed. J. COS. Ed. Leon., vol. XXIV-2. Roma - Paris: Commissio Leonina - Les Éditions du Cerf.
- TORRELL, J-P. 2004. *Iniciação à Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e obra*. São Paulo: Loyola.
- WEISHEIPL, J. A. 1955. *Nature and Gravitation*. River Forest, Illinois: Albertus Magnus Lyceum.
- WEISHEIPL, J. A. 1959. *The Development of Physical Theory in the Middle Ages*. London and New York: Sheed and Ward.
- WEISHEIPL, J. A. 1965. The Principle Omne quod movetur ab alio movetur in Medieval Physics. *Isis*, Chicago, v. 56, n. 1, p. 26-45.

WEISHEIPL, J. A. 1974. Thomas' Evaluation of Plato and Aristotle. *The New Scholasticism*, Chicago, v. 48, n.1, p. 100-124.

WEISHEIPL, J.A. 1981. The Spector of Motor Coniunctus in Medieval Physics. In: MAIERÙ, A; BAGLIANI, A. P. (eds.). *Studi sul XIV secolo in memoria di Anneliese Maier*. Roma: Edizioni di storia e letteratura.

WEISHEIPL, J. A. 1982. Aristotle's Concepto of Nature: Avicenna and Aquinas. In: ROBERTS, L. (ed.). *Approaches to Nature in the Middle Ages*. Binghamton, New York: Center of Medieval & Early Renaissance Studies.

RESUMO

Neste artigo sustento, por um lado, a ocorrência da afirmação do automovimento dos elementos na *Physica II, 1*, de Aristóteles latino (*Vetus*) e, por outro, a existência de uma crítica explícita estabelecida por Tomás de Aquino no *In Physica II, 1, n. 3*, à tese do automovimento dos elementos presente na *Physica II, 1*. A análise se baseia em dois termos: *motum e movendi*, termos que traduzem ὄρμην e κινεῖσθαι respectivamente. Partindo de uma micro exegese de tais termos, sobretudo quando dizem respeito aos corpos simples, explico que a ciência natural de Aristóteles latino e a ciência natural de Tomás são incompatíveis no âmbito da filosofia e da gramática, uma vez que, para o primeiro, natureza é necessariamente princípio ativo, e, para o segundo, ela só pode ser princípio passivo.

Palavras-chave: Tomás de Aquino, Aristóteles latino, natureza, elemento, locomoção, ciência natural.

ABSTRACT

In this article, I stand for both the occurrence of assent to the elementary selfmotion in the Latin Aristotle's *Physica II, 1 (Vetus)*, and to the existence of an explicit criticism by Thomas Aquinas in the *In Physica II, 1, n. 3*, against the elementary selfmotion stated in the *Physica II, 1*. My analysis is based on two terms, *motum and movendi*, which is Latin for ὄρμην e κινεῖσθαι respectively. Starting from a micro exegesis of such terms, specially when it comes down to the simple bodies, I show that the Latin Aristotle's natural science and that of Thomas Aquinas are incompatible in respect to both philosophy and grammar, since for the former nature is necessarily active principle, whereas for the latter it can only be passive principle.

Key-words: Thomas Aquinas, Latin Aristotle, nature, element, locomotion, natural science.